THE SOUNDINGS

Edição 1 · Outono de 2026

A menos que eu te lave

Preste atenção ao convite mais profundo por trás da Grande Virada
Interpretando os sinais de julho a setembro de 2026



Ted Dunn, Ph.D.
Graced Crossroads

"Vocês sabem interpretar a aparência do céu, mas não conseguem interpretar os sinais dos tempos."

Mateus 16:3, tradução da NIV em inglês

UMA PALAVRA DE ABERTURA

Lançando a linha

Por que estou escrevendo *The Soundings*

Externamente, reina o caos.
Por dentro, um novo mundo está surgindo.
Ouça o pulsar do novo.

Não sei quanto a você, mas quando ouço as notícias, fico facilmente sobrecarregado. O fluxo de morte, destruição e caos não dá trégua. Parece que estamos todos indo direto para o inferno. Alertas sobre a destruição ecológica e o poder crescente da inteligência artificial podem fazer com que o futuro pareça uma calamidade que estamos simplesmente esperando acontecer. Em dias assim, posso perder meu senso de agência, a crença de que quem eu sou e o que tenho a oferecer fazem alguma diferença. Tudo isso vai contra minha fé mais profunda, na humanidade e em Deus.

E, no entanto, algo mais está acontecendo ao mesmo tempo. O que está morrendo faz muito barulho. O que está nascendo costuma ser mais silencioso. É difícil ouvir o pulsar do novo em meio a todo esse barulho, e ainda mais difícil encontrar meu próprio lugar na história que talvez esteja surgindo.

Suspeito que não estou sozinho nisso. Uma professora se pergunta se a vocação que escolheu ainda se encaixa no mundo que seus alunos estão herdando. Pais criam filhos e se perguntam para que futuro estão preparando alguém. Quem busca respostas e deixou a religião para trás, ou nunca teve uma, ainda deseja uma vida que responda a algo maior do que simplesmente sobreviver à semana.

As comunidades religiosas, onde grande parte do meu trabalho tem se concentrado, têm suas próprias versões. Em grande parte do Norte Global, as comunidades estão envelhecendo e abrindo mão dos ministérios que construíram. Em partes da África e da Ásia, muitas comunidades estão acolhendo novos membros e se perguntando como formá-los e apoiá-los adequadamente. Em ambos os casos, as demandas de cuidado e responsabilidade institucional podem absorver quase todos os recursos disponíveis. Nessas circunstâncias, uma história particular pode se tornar a história completa. “Estamos desaparecendo” é uma versão. “Não conseguimos acompanhar o ritmo” é outra.

Por trás de todas essas circunstâncias, as questões humanas são praticamente as mesmas. Em quem estou me tornando? O que dá sentido e propósito à minha vida? O que tenho a contribuir para as pessoas que amo e para o mundo que compartilhamos?

A sondagem é o que os marinheiros fazem quando não conseguem ver o fundo. Uma corda com peso mede as profundezas ocultas sob a superfície, ajudando-os a navegar por águas que seus mapas não conseguem explicar totalmente. À medida que os mapas familiares de nossas vidas se tornam menos confiáveis, precisamos de

maneiras de prestar atenção às correntes mais profundas que moldam nosso mundo e de refletir sobre o que elas estão nos pedindo.

É isso que esta publicação trimestral se propõe a fazer. Ela tem três objetivos. Ver: olhar além dos detritos que turvam as águas e obscurecem nossa visão, decifrar os sinais na superfície e detectar as correntes profundas por baixo deles. Ouvir: discernir o pulsar do novo em meio a tudo o que está chegando ao fim. E encontrar nosso lugar: perguntar que nova história pode estar surgindo e como cada um de nós pode participar de sua construção.

Quatro vezes por ano, reunirei o que realmente aconteceu em nosso mundo nos últimos três meses e questionarei o que pode estar se movendo por trás disso. Ler os sinais de nossos tempos é uma disciplina de atenção. Significa abrir espaço para que o mundo interrompa nossas rotinas e permitir que a realidade corrija nossas narrativas pessoais. Uma visão mais ampla nos permite ver o que está faltando em nossa história pessoal. Ela nos permite reconhecer a vida além das formas pelas quais a conhecemos.

Em *Graced Crossroads*, publicado em 2020, descrevi uma Grande Virada: mudanças no clima, na tecnologia, na migração, no poder global e em nossa crescente interconexão — qualquer uma delas seria capaz de remodelar nosso mundo. Também argumentei que mudança e transformação são coisas diferentes. Mudança é o que acontece ao nosso redor e conosco. A transformação exige algo de nós, e há um trabalho interior, pessoal e comunitário, que podemos realmente realizar. Tenho vivido esse trabalho e testemunhado isso durante toda a minha vida profissional. Isso não garante um resultado. Mas muda a forma como participamos, e isso muda o que se torna possível dentro de nós e entre nós.

Sou uma pessoa de fé. Acredito que o Espírito ainda está agindo em tudo isso. Para mim, o pulsar do novo é o chamado e o amor de Deus, convidando-nos a participar da história contínua da criação. Quando falo de graça, é disso mesmo que estou falando. Você não precisa compartilhar da minha linguagem para fazer esse trabalho. Se você quiser nomear a fonte da nova vida de maneira diferente, ou nem mesmo nomeá-la, há espaço para você aqui. Pessoas consagradas e leigas, crentes e pessoas em busca de sentido, cada qual traz uma sabedoria de que os outros precisam.

Essas leituras não podem eliminar a incerteza. Elas podem nos ajudar a nos orientar dentro da Grande Virada e nos convidar a refletir sobre quem estamos nos tornando à medida que moldamos o que está por vir. Tudo aqui é oferecido como uma leitura, aberta a correções. Vou dizer a vocês onde estou fazendo suposições.

Três perguntas atravessam cada edição. Peço que as tenham em mente enquanto leem:

O que está se movendo por trás do ruído?
Que nova história está tentando nascer?
E qual é o meu lugar nela?

Ted Dunn, Ph.D.

Um guia para esta edição

Você pode ler esta edição do início ao fim ou começar pela seção que mais se relaciona com suas preocupações atuais.

Em resumo. O trimestre e a análise desta edição sobre ele, em uma página.

Sinais. O que aconteceu em nosso mundo nos últimos três meses, com datas e fontes.

Correntes. O padrão que vejo por trás desses sinais e onde as conexões têm limites.

O convite mais profundo. O que esse movimento pode estar nos pedindo.

Contraponto. O argumento mais forte e honesto contra minha própria interpretação, incluindo o que poderia alterá-la.

O dom que carregamos. Como nossos dons podem encontrar novas formas de expressão à medida que nossas circunstâncias mudam, seja na vida individual ou em uma tradição compartilhada.

A prática. Uma situação para refletir, pessoalmente ou com uma comunidade, uma equipe de liderança ou um círculo de amigos.

Em resumo

O trimestre em resumo. Entre julho e setembro de 2026, as rotas marítimas e os orçamentos de ajuda humanitária ficaram sob pressão, enquanto relatórios no início do ano descreviam que o abastecimento de água e a confiança pública enfrentavam pressões semelhantes. Essas pressões revelaram o quanto depende de passagens que alguns governos ou empresas podem restringir. Ao mesmo tempo, em Nairóbi, Bengaluru e em uma pradaria na Dakota do Sul, as pessoas estavam construindo redes, compartilhando autoridade, transmitindo o trabalho que vinham realizando há gerações e, em alguns casos, escolhendo como viver o encerramento de suas obras ou de sua vida institucional.

O que esta edição oferece. Essas mudanças estão expondo os limites da autossuficiência. Nossa dependência dos outros sempre existiu; está se tornando mais difícil ignorá-la e, em alguns lugares, mais difícil de sustentar. Para pessoas cuja identidade foi construída em torno de dar, um convite mais profundo é aprender a receber.

Por que isso importa. Muitos de nós aprendemos a pertencer sendo capazes, úteis e confiáveis: o pai, a mãe, o professor, o cuidador, aquele em quem os outros se apoiam. Esses dons são reais. Mas há uma antiga história no Evangelho de João em que Pedro se recusa a deixar Jesus lavar seus pés, e ela dá nome a uma resistência que muitos de nós reconhecemos. “Se eu não te lavar”, diz Jesus, “você não terá parte comigo” (João 13,8, tradução da NIV em inglês). O que acontece com nosso senso de valor quando precisamos do cuidado que há muito tempo oferecemos aos outros? O que poderia se tornar possível se pudéssemos recebê-lo livremente?

Uma observação sobre o meu ponto de vista. Grande parte das evidências deste trimestre vem de comunidades religiosas católicas, porque esse é o mundo que melhor conheço. Apresento-as como um exemplo vívido de algo mais amplo. Se esse mundo não for o seu, leia-as pelo que revelam sobre o que significa ser humano em tempos como estes.

Sinais: o que mudou neste trimestre

Estes são os sinais que considerei mais reveladores neste trimestre. Eles são apresentados como indícios a serem interpretados, sem a pretensão de constituir um mapa completo. Cada um termina com o que pode significar — apresentado como hipótese — e o que ele nos questiona.

As passagens estreitas

Em 21 de setembro, a Reuters informou que apenas dezessete navios de commodities rastreáveis cruzaram o Estreito de Ormuz no fim de semana, contra cerca de 125 grandes navios comerciais por dia antes do início da guerra dos EUA e de Israel contra o Irã, em fevereiro. No final de setembro, a retomada dos combates no Iêmen havia deslocado mais de 130 mil pessoas, e milhares haviam cruzado para Djibuti, incluindo muitas mulheres, crianças e idosos. No Sudão, cortes no financiamento estavam forçando o Programa Mundial de Alimentos a reduzir a assistência alimentar em uma das maiores crises de fome do mundo. O sistema de ajuda ainda existe. Sua capacidade de cumprir o que se espera dele está diminuindo.

O estreitamento vai além das rotas marítimas. Em janeiro, cientistas da Universidade das Nações Unidas descreveram uma era de falência hídrica global: muitos rios e aquíferos não podem mais retornar ao seu nível normal histórico, e quatro bilhões de pessoas enfrentam grave escassez por pelo menos um mês por ano. O relatório da ONU para a cúpula climática de 23 de setembro descreveu uma nova fase da crise climática na qual "a ultrapassagem do limite de aquecimento agora é inevitável", o que significa que o mundo ultrapassará o limite de aquecimento estabelecido no Acordo de Paris, pelo menos por um tempo. No Nepal, as enchentes no final de agosto trouxeram essas vulnerabilidades à tona de forma terrível. Até 25 de setembro, o PMA relatou mais de 1.400 mortes e milhares de pessoas ainda desaparecidas, com estradas e pontes destruídas e aldeias isoladas, sem acesso à ajuda.

Houve esforços para proteger vidas em meio a essas pressões. O UNICEF estava ampliando espaços temporários de aprendizagem em Gaza, onde seu apelo de setembro descreveu o acesso interrompido à educação para 658 mil crianças. O esforço para restaurar a aprendizagem não deve ser confundido com o retorno de todas essas crianças à escola. Também houve alertas: a Organização Meteorológica Mundial alertou em setembro sobre um El Niño muito forte, potencialmente excepcional, com previsão de atingir seu pico perto do final de 2026. Uma previsão oferece tempo para se preparar; o que acontecerá a seguir depende de esse alerta chegar às pessoas com meios para agir.

O que isso pode significar. Os sistemas que construímos para nos apoiarmos mutuamente podem ser menos confiáveis do que supúnhamos, e o teste que temos pela frente pode ser se as instituições são capazes de transformar um alerta em proteção.

O que isso nos pede. Quem, ao nosso redor, está na linha de risco de um alerta que já foi emitido?

A questão do controle

Um webinar realizado em 30 de julho pelo Instituto Mundial de Ciência, Religião e Cultura sobre inteligência artificial e a encíclica Magnifica Humanitas do Papa Leão XIV reuniu estudiosos com opiniões diametralmente opostas. Um deles argumentou que o avanço da IA é quase inevitável; outro insistiu que "ainda há muito que podemos orientar e controlar". A contribuição mais perspicaz traçou o que o Papa Francisco chamou de "paradigma tecnocrático": o hábito de tratar tudo, inclusive as pessoas, como objetos a serem dominados em nome da eficiência. Um participante alertou que os profissionais do conhecimento podem se tornar "aprovadores passivos de resultados que não conseguem avaliar". Em setembro, uma pesquisa revelou que quase três em cada quatro adultos americanos estavam preocupados com o fato de as empresas de IA não terem feito o suficiente para evitar danos graves.

Em setembro, Jacob Coxon se demitiu da Anthropic e alertou que as pessoas que desenvolvem IA acreditavam que ela "poderia matar a todos nós até o final da década". Ele descreveu o risco de perder o controle de sistemas cada vez mais capazes. Esse alerta continua sendo contestado; ele confere urgência à questão de quem pode desacelerar o desenvolvimento quando a segurança é incerta.

O que isso pode significar. A questão mais profunda sobre essas ferramentas talvez diga respeito ao tipo de pessoas em que nos tornamos ao usá-las.

O que isso nos pede. Quem decide até onde a IA deve ir, e quem tem o poder de dizer não?

O primeiro degrau que falta

Em uma atualização de agosto de um estudo de 2025, pesquisadores de Stanford relataram que o nível de emprego entre trabalhadores norte-americanos de 22 a 25 anos em ocupações expostas à inteligência artificial estava cerca de 19% abaixo do nível esperado caso tivesse acompanhado o ritmo do emprego entre seus pares menos expostos. Trabalhadores experientes não apresentaram uma diferença comparável, e os pesquisadores não encontraram evidências de substituição generalizada em toda a economia. As descobertas levantam uma questão sobre o trabalho rotineiro por meio do qual os jovens adquirem experiência e discernimento. Pesquisas anteriores acrescentam outra preocupação: o relatório de 2025 da Organização Mundial da Saúde constatou as maiores taxas de solidão entre adolescentes, e um estudo norte-americano publicado naquele ano revelou que cerca de um em cada oito entrevistados com idades entre 12 e 21 anos havia usado chatbots de IA para obter orientação sobre saúde mental. Essas descobertas descrevem populações diferentes e não permitem estabelecer uma causa única. Juntas, elas nos levam a refletir sobre como os jovens encontram trabalho, orientação e conexão humana.

O que isso pode significar. O primeiro emprego, um mentor de confiança e um lugar à mesa compartilhada ajudam os jovens a se tornarem adultos capazes e conectados. Essas oportunidades podem estar se tornando menos disponíveis justamente quando são mais necessárias.

O que isso nos pede. Quem nos moldou no passado e quem está moldando os jovens entre nós?

A confiança se voltando para dentro

As grandes pesquisas deste ano mostram que as pessoas estão se afastando. Na pesquisa global de confiança da Edelman, divulgada em janeiro, uma média de sete em cada dez entrevistados em 28 países se mostraram hesitantes ou relutantes em confiar em alguém com valores, origens ou fontes de informação diferentes. Questionados sobre como os principais eventos dos últimos cinco anos afetaram sua confiança, os entrevistados descreveram com mais frequência a perda de confiança nos líderes nacionais e o aumento da confiança nos vizinhos, na família, nos amigos e nos colegas de trabalho. Em junho, o Instituto Reuters constatou que a confiança nas notícias estava em seu nível mais baixo desde que começou a ser medida.

O que isso pode significar. Quando grandes estruturas entram em colapso, o primeiro instinto pode ser estreitar o círculo de confiança, em vez de ampliá-lo.

O que isso nos pede. Em quem deixamos, discretamente, de confiar?

A autoridade se deslocando para o sul e para fora

A liderança sofreu mudanças neste trimestre, em grande e pequena escala. Seis irmãs foram nomeadas conselheiras do escritório do Vaticano que supervisiona as comunidades religiosas, entre elas a Ir. Maria Nirmalini, que lidera as mais de 103 mil religiosas da Índia, e a Ir. Maria do Disterro Rocha Santos, da conferência de religiosos do Brasil. A Ir. Marie Pierre Ndiaye, do Senegal, foi eleita este ano para liderar as Irmãs de São José de Annecy, sendo a primeira africana a ocupar esse cargo. E uma integrante de uma congregação internacional, as Filhas de São Paulo, observou que atualmente não há novas integrantes em formação na Europa, que a África é sua âncora e que é preciso "repensar nossa geografia". Os números gerais apontam na mesma direção. Cerca de sete em cada dez cristãos do mundo vivem hoje no Sul Global, contra menos de um em cada cinco em 1900.

Na Guiné-Bissau, a filha de um imã fez seus primeiros votos como irmã católica em agosto. Quando surgiu uma onda de ódio online, a confederação nacional da juventude islâmica do país a defendeu publicamente, insistindo que "respeitar a escolha de alguém não significa necessariamente concordar com ela".

O que isso pode significar. A liderança e o quadro de membros estão mudando de maneiras que os arranjos herdados de autoridade e financiamento talvez ainda não reflitam. O crescimento em uma região e o envelhecimento em outra trazem necessidades diferentes; a reciprocidade exige que ambas sejam levadas a sério.

O que isso nos pede. Que decisões e recursos estamos dispostos a colocar nas mãos de líderes de outras partes do mundo?

Redes que geram resultados

Este trimestre mostra comunidades construindo capacidade compartilhada. A associação de congregações religiosas femininas do Quênia (Kenya's Association of Sisterhoods), que representa cerca de 190 congregações, está combinando a tomada de decisão compartilhada com conhecimentos jurídicos e um plano para propriedades geradoras de renda. Mais de duzentas irmãs com formação em direito canônico ou civil, provenientes de treze países africanos, se reuniram em

Nairóbi nos dias 30 e 31 de julho para fortalecer redes jurídicas e proteger pessoas vulneráveis. Antes disso, em junho, um curso de liderança contra o tráfico humano da Talitha Kum, na Tailândia, reuniu irmãs e parceiros de 23 países. Em Bengaluru, irmãs agostinianas aposentadas agora compartilham sua casa e sua vida cotidiana com residentes leigos idosos.

O que isso pode significar. Essas redes são mais do que respostas ao declínio. Os exemplos quenianos mostram comunidades desenvolvendo conhecimento jurídico e recursos para moldar seu próprio futuro. A capacidade compartilhada pode ajudá-las a ampliar sua capacidade de agir, desde que as pessoas que realizam o trabalho também participem das decisões e recebam apoio.

O que isso nos pede. O que ainda insistimos em carregar sozinhos?

Finais, escolhidos e impostos

Vicky Larson, uma irmã da Congregação das Irmãs da Apresentação, contou a um encontro de religiosos de todas as Américas, em agosto, que sua congregação, na zona rural de Dakota do Sul, realizou seu último Capítulo — a assembleia que elege seus líderes — em março de 2026 e passará a ter uma líder nomeada até 2028. Sua faculdade fechou e se transformou em habitação social; sua casa-mãe foi demolida; uma pradaria nativa e um círculo da paz estão crescendo no local onde ela ficava. Um documentário exibido em agosto destacou as Irmãs da Caridade de Nova York, que já haviam deixado de aceitar novas integrantes e continuam sua defesa pública dos migrantes. Em Spotorno, na Itália, as irmãs enfrentaram uma nova licitação pública para uma concessão de praia que ajudava a financiar seu trabalho de caridade. Em Los Angeles, um hospital católico fechado está sendo transformado em um complexo para moradia, tratamento de dependência química e cuidados de saúde mental.

Em um relatório publicado em 8 de setembro, um grupo de estudo do Sínodo abordou as comunidades que se aproximam de uma "conclusão histórica" e pediu aos bispos que as acompanhem com escuta, oração e ajuda prática. Essas recomendações são propostas, e não decisões vinculantes.

O que isso pode significar. Um fim pode ser algo que as pessoas discernem juntas ou algo que lhes é imposto. Antecipar-se pode preservar opções, mas leis, dinheiro e decisões tomadas em outros lugares também moldam o que continua sendo possível.

O que isso nos pede. Se algo que amamos chegasse ao fim, estaríamos escolhendo isso ou recebendo um aviso?

Correntes: os limites da autossuficiência

Lidos um por um, esses sinais parecem histórias separadas: uma crise no transporte marítimo, uma discussão sobre máquinas, uma comunidade de irmãs desmontando sua casa-mãe. Nem todos têm a mesma causa nem exigem a mesma resposta. No entanto, vejo uma questão recorrente por trás deles: como vivemos com dependências que não podemos mais ignorar, especialmente quando as relações e os sistemas que as sustentam estão sob pressão?

As notícias deste trimestre descrevem um mundo em que grande parte da vida precisa passar por poucos e estreitos pontos de passagem. Alimentos, combustível e medicamentos passam por estreitos que um punhado de atores pode fechar. A ajuda humanitária depende de orçamentos que alguns governos podem cortar. Tecnologias poderosas estão sendo desenvolvidas por um pequeno número de empresas. Essas dependências não são novas, mas sua concentração deixa as pessoas expostas a decisões muito além de seu alcance. Essa é uma das facetas da Grande Virada. O desafio é construir relações e instituições capazes de compartilhar responsabilidades sem concentrar ainda mais poder.

Mais perto de casa, a dependência costuma ser sentida no trabalho cotidiano de cuidar dos outros. Uma família pode passar uma noite inteira organizando apoio para o pai ou a mãe em idade avançada sem encontrar um momento para conversar sobre como essa fase está afetando a família. Esse é um tipo diferente de vulnerabilidade em comparação com uma crise no transporte marítimo ou um corte na ajuda humanitária. No entanto, também pode revelar a distância entre o ideal de dar conta de tudo sozinho e os relacionamentos nos quais a vida realmente se sustenta.

É aqui que um psicólogo e uma pessoa de fé podem enxergar a mesma coisa sob dois ângulos diferentes. Em caso de doença grave, a passagem de quem cuida para quem recebe cuidados pode ser uma das passagens mais difíceis. Pessoas que sempre foram fortes e generosas podem enfrentar dificuldades quando seu senso de valor está ligado ao fato de serem necessárias. Receber ajuda pode parecer um fracasso ou uma sensação de ficar vulnerável. Uma empresa familiar, uma paróquia ou uma congregação que sempre prestou serviços pode passar por um conflito semelhante quando precisa pedir ajuda. Vergonha, raiva ou uma teimosa insistência em fazer tudo sozinho podem surgir juntamente com preocupações muito práticas sobre se a ajuda será confiável e respeitosa. Tanto a resistência interior quanto a qualidade da ajuda merecem atenção.

As comunidades religiosas estão vivendo essa transição de uma forma excepcionalmente visível. Por mais de um século, muitas congregações do Norte Global construíram escolas, hospitais, faculdades e casas-mãe. Essas instituições dependiam de muitas pessoas, mas a capacidade de fundá-las e liderá-las podia fomentar um forte senso de autossuficiência. Foram atos de extraordinária generosidade. Elas também formaram uma identidade: uma comunidade passou a se reconhecer como aquela que dá.

A Irmã Nathalie Becquart, uma irmã francesa da Congregação de Xavière e subsecretária da Secretaria Geral do Sínodo do Vaticano, mencionou isso diretamente em agosto, ao falar a religiosas e religiosos reunidos de todas as Américas. Ela descreveu a mudança agora exigida deles como “um processo de migração cultural”, afastando-se da “autossuficiência institucional” e rumo a “uma cultura de escuta, corresponsabilidade, discernimento e intercâmbio genuíno”.

Ela não amenizou o custo. “Não se migra por decreto”, disse ela. “A primeira geração sempre paga o preço mais alto”, e “o que se perde na travessia é real e deve ser lamentado, em vez de negado”. Em seguida, ela proferiu a frase que está no centro desta edição: “Não temos futuro sem os outros”.

Essa frase pode ser interpretada como uma admissão sombria, e a dor é real. Uma comunidade que carregou a responsabilidade por seu futuro por cento e cinquenta anos não começa a compartilhá-la de maneira diferente sem sofrer perdas. Mas Becquart também apontou uma possibilidade dentro dessa vulnerabilidade: “Essa vulnerabilidade, embora muitas vezes difícil de aceitar, é em si mesma um dom”, disse ela. A dependência não precisa anular nossa contribuição. Ela pode nos abrir para dons que não poderíamos receber enquanto nos entendíamos principalmente como aqueles que davam.

Há outra maneira de lidar com os limites da autossuficiência, e as pesquisas de confiança deste ano mostram isso. Quando grandes instituições falham, muitas pessoas se voltam para aqueles que pensam e se parecem com elas. Isso também admite que ninguém pode ficar sozinho. Simplesmente reduz o círculo daqueles em quem vamos nos apoiar. A frase de Becquart aponta na direção oposta. “Não temos futuro sem os outros” só se torna uma graça quando os outros incluem pessoas que não escolhemos.

A questão é como viveremos nossa dependência dos outros e se essas relações permitem que cada pessoa tenha voz.

Os novos arranjos que estão surgindo na vida de tantas pessoas (liderança compartilhada, cuidados em casa, fusões, parcerias, redes) podem atender a necessidades práticas e criar espaço para uma jornada mais profunda. Um processo bem planejado, por si só, não traz transformação. A ajuda pode ser aceita com ressentimento ou com graça. Uma parceria pode preservar o controle a que estamos acostumados ou permitir que as pessoas sejam transformadas umas pelas outras. O trabalho interior é importante, assim como os arranjos por meio dos quais as pessoas se encontram. Quem define a pauta? Quem controla o dinheiro? Quem pode questionar uma decisão sem perder seu lugar? As estruturas podem apoiar a liberdade de receber ou fazer com que receber pareça uma renúncia ao direito de se expressar.

Comunidades em processo de envelhecimento muitas vezes precisam reduzir seus bens e responsabilidades à medida que o número de membros diminui. Também as incentivei a considerar “ampliar” sua missão por meio de parcerias. Ao compartilhar autoridade, recursos e responsabilidade, elas podem ampliar o círculo de pessoas que carregam a missão sem exigir que um número menor de membros assuma mais responsabilidades.

O Convite Mais Profundo: aprender a receber



"'Não', disse Pedro, 'você nunca lavará meus pés.' Jesus respondeu: 'Se eu não te lavar, você não terá parte comigo.'"

João 13:8, tradução da NIV em inglês

É fácil entender a recusa de Pedro. Ele é o discípulo, Jesus é o mestre, e a hierarquia parece clara. Pedro quer dar e seguir, e não se permite ser servido. Jesus não discute o assunto. Ele diz que, sem receber, não há lugar algum para se pertencer.

A cena não pede que Pedro pare de servir. Mais tarde, Jesus diz aos discípulos para lavarem os pés uns dos outros. Ela pede que ele permita que o movimento flua nos dois sentidos. A lição aprendida, talvez, seja de reciprocidade: as comunidades se formam tanto pelos dons que recebem quanto pelos que oferecem. Não precisamos nos tornar menos generosos para nos tornarmos mais receptivos.

Isso se estende ao que nos molda. Práticas repetidas educam nossos desejos e nossas defesas de maneira mais eficaz do que nossos ideais declarados. Um pai ou uma líder pode passar a vivenciar a disponibilidade constante como amor, mesmo que isso corroa a capacidade de presença. Pessoas acostumadas a formar os outros precisam continuar abertas à própria formação. A questão é se receber o dom de outra pessoa pode mudar a forma como compreendemos o nosso próprio dom.

Se aprender a receber é o convite mais profundo, este trimestre sugere onde ele pode estar nos esperando.

Das pessoas que estamos acostumados a ajudar. Muitos de nós sabemos como ser úteis mais prontamente do que sabemos como receber. Um pai ou mãe acostumado a resolver problemas pode ter dificuldade quando um filho adulto oferece ajuda. Podemos descobrir que queríamos hóspedes, enquanto eles queriam um lugar ao qual pertencer.

Um relatório de fevereiro de 2025 descreveu como os associados leigos de várias congregações dos EUA estavam se preparando para assumir sua própria liderança. Seus dons incluem capacidade de julgamento e liderança, bem como ajuda prática. Receber o que eles sabem significa permitir que esse conhecimento mude as decisões.

De outras partes do mundo. As irmãs quenianas que estão desenvolvendo redes jurídicas trazem dons que a Igreja como um todo precisa receber. Quem reconhecerá e apoiará as prioridades que elas mesmas estão estabelecendo? Comunidades em crescimento podem precisar de formação, recursos e parcerias que respeitem sua própria liderança. Comunidades em envelhecimento podem precisar aprender com pessoas cujo futuro assume uma forma diferente. Nenhuma delas pode substituir a experiência da outra. A autoridade e os recursos precisam acompanhar a responsabilidade, para que o crescimento em outros lugares não se torne um novo trabalho assumido sem novo poder.

Dos jovens que estão escolhendo outros caminhos. Muitos jovens compartilham os compromissos que as comunidades religiosas ajudaram a cultivar: educação, justiça e uma vida espiritual séria. No entanto, estão optando por vivê-los em outros lugares. O que os atrai para essas outras formas de vida? Ouvir não exige que abandonemos nossa vocação. Exige que escutemos a experiência deles sem tratá-la principalmente como uma rejeição ao que nos é caro.

Dos idosos. Podemos falar com carinho da sabedoria de nossos idosos enquanto organizamos a vida como se a contribuição deles tivesse terminado quando seu trabalho acabou. Receber cuidados não anula uma vocação. Essa convicção é importante quando molda horários, recursos e se a pessoa que recebe cuidados ainda tem voz na vida cotidiana. A contribuição de um idoso pode ser uma verdade expressa no âmbito de um relacionamento, sem nenhuma tarefa adicional associada a ela.

Da terra. A congregação de Larson demoliu sua casa-mãe e está restaurando a pradaria nativa onde ela ficava. Seja qual for o significado dessa escolha, ela devolve à terra o solo sobre o qual a comunidade outrora se construiu. A terra faz parte de um sistema vivo antes de ser um bem, quer abrigue uma casa de família, um prédio de apartamentos ou um mosteiro. Que tipo de vizinho estamos nos tornando aqui?

Dos próprios finais. Larson disse a suas colegas: “Esta não é uma canção triste. É um ato corajoso de ouvir o futuro”. Ela não negou a dor; disse que a parte mais difícil foi “abrir mão da capela da nossa congregação, onde as irmãs rezaram fielmente por mais de 70 anos”. Um fim pode ser vivido com sofrimento, escolhido e gradualmente acolhido, com o luto atravessando essas três experiências. Talvez precisemos de tempo antes de podermos perguntar o que ele nos oferece, e algumas perdas continuarão sendo perdas. A conclusão não pode prometer uma substituição para tudo o que se perdeu. Ela pode abrir a questão do que ainda resta para ser vivido.

O futuro pode depender menos do que ainda podemos dar do que do que podemos nos permitir receber.

Muitos de nós estamos sendo chamados a receber o que nunca teríamos escolhido: dependência, parceiros desconhecidos, questões que abalam nosso senso de identidade. Precisamos de tempo para discernir o que serve à vida, o que suscita resistência e o que pode ser acolhido. Receber não é concordar com tudo o que chega. É a disposição de ouvir e permitir que esse encontro mude nossa resposta. A Grande Virada não exige que todos se tornem mais ocupados.

Contraponto: em que esta interpretação pode estar equivocada

Existem objeções válidas à interpretação apresentada aqui. Gostaria de citar algumas.

A primeira é que ela pode exigir demais de pessoas que já estão exaustas. Um cuidador pode precisar de alívio, e uma comunidade cansada pode precisar que outros assumam mais responsabilidades. Dizer a eles que sua redução de forças ou de membros é um convite espiritual pode soar como mais uma exigência, quando o que eles precisam é de descanso e ajuda prática. Ninguém que está de luto pela perda do emprego, da saúde ou de um modo de vida deve ao resto de nós um relato inspirador sobre o que virá a seguir. Uma interpretação que acrescenta peso aos cansados falhou, por mais verdadeira que pareça.

A segunda é que falar de transformação pode fazer com que o sofrimento pareça útil. O deslocamento não é um exercício espiritual imposto às famílias para que a humanidade aprenda a interdependência. A fome no Sudão é uma injustiça e exige prevenção e reparação. Quando as pessoas encontram sentido dentro desse dano, esse sentido pertence a elas. Não cabe a mim, nem a ninguém mais, atribuí-lo.

A terceira é que "aprender a receber" pode esconder uma relação de poder desigual. Às vezes, diz-se às pessoas que carecem de poder que aceitar seu lugar é algo sagrado. As religiosas vêm recebendo instruções de outras pessoas há séculos. Receber é uma graça apenas entre pessoas que são livres. Se uma parte herda o trabalho enquanto a outra mantém todas as decisões, ou se uma região mais jovem herda a responsabilidade sem recursos, a linguagem do dom mútuo encobre um arranjo que não é de forma alguma mútuo.

A quarta é que alguns dons não sobrevivem a uma transferência. Uma vida consagrada, um casamento, um ofício aprendido ao longo de décadas: cada um é mais do que um conjunto de funções que podem ser transferidas para uma rede ou uma nova entidade responsável pela missão. A abertura sem profundidade pode esvaziar um dom daquilo que o tornava tal. Essa preocupação faz parte de qualquer discernimento honesto.

A quinta diz respeito à minha própria perspectiva. Fui buscar respostas com meus próprios parâmetros em mente. Uma interpretação que conclui que o campo precisa exatamente do que seu autor oferece merece alguma desconfiança, e um discernimento que vê sua tese confirmada deve suspeitar de si mesmo.

O que mudaria essa interpretação? Relatos de pessoas que descobriram que novas parcerias acrescentaram exigências sem apoio útil, de parceiros mais jovens ou leigos que

permaneceram sem serem ouvidos, ou de pessoas que recebem cuidados e acabaram tendo menos voz, apesar do discurso generoso sobre dignidade. Precisarei ouvir esses relatos.

Essas objeções restringem a afirmação. Aprender a receber é um convite que só pode ser aceito livremente, no ritmo de cada pessoa ou comunidade, e deve vir acompanhado de autoridade real, recursos e cuidado para com aqueles que estão cansados. Onde isso faltar, a resposta fiel pode ser dizer isso claramente.

O Dom que Carregamos

O que acontece com nossos dons quando suas formas familiares mudam?

As comunidades religiosas usam a palavra "carisma" para designar um dom do Espírito que confere à tradição fundadora sua vida e propósito específicos. Um leitor que não pertença à vida religiosa pode reconhecer uma questão semelhante no impulso que o levou a ensinar, criar uma família, produzir arte ou servir aos outros. As experiências diferem, mas cada uma pode enfrentar uma separação dolorosa entre um dom e a forma pela qual ele foi vivido. Se a escola fechar, os filhos saírem de casa ou a congregação abandonar um ministério, o que acontece com o que foi dado por meio dessa vida?

Para um casal cujos filhos saíram de casa, o silêncio pode revelar o quanto de sua vida compartilhada era organizada em torno da criação dos filhos. O amor deles não desapareceu, mas talvez precisem descobrir como vivê-lo juntos de uma nova maneira. Uma comunidade que não acolhe novos membros pode enfrentar uma questão semelhante sobre sua identidade e propósito, embora seu futuro possa incluir a conclusão da vida institucional da congregação, em vez de uma nova geração dentro da congregação. Em ambos os casos, a tarefa é viver o luto pelo que mudou e discernir o que o dom ainda torna possível.

Um ministério que continua sob a responsabilidade de uma nova entidade não demonstra, por si só, que um carisma persiste. Um bem pode mudar de mãos enquanto cumpre um propósito útil. O trabalho pode ser transferido. A profundidade de um dom fundador requer pessoas e práticas por meio das quais ele possa ser recebido, questionado e vivido. No entanto, uma comunidade também pode proteger formas familiares de maneira tão rígida que deixa pouco espaço para uma expressão que ela não tenha imaginado. As pessoas que compartilham o dom podem reconhecer uma necessidade que a congregação tenha negligenciado ou desafiar hábitos de poder desigual em sua história. Receber esse desafio pode, por si só, tornar-se um ato de fidelidade.

Em um texto anterior, formulei o desafio da seguinte maneira: "Honrar o passado não pode significar viver no passado. Honrar nossos antepassados não pode significar viver como eles viviam. Se realmente honramos aqueles que nos trouxeram até hoje, devemos fazer pela próxima geração o que nossos antepassados fizeram por nós: devemos abrir espaço para o novo." A questão é o que a fidelidade exige agora, em um mundo em que nossos fundadores não viveram. A coragem deles pode ser mais instrutiva do que seus arranjos.

A profundidade de um dom torna-se visível na liberdade que ele possibilita aos outros. Quem consegue manter-se com dignidade na presença de nossa autoridade? Quem consegue falar sem antes calcular o custo? Nossas boas intenções não podem responder a essas perguntas pelas pessoas que vivem com as consequências. Temos que perguntar a elas, ouvir o que dizem e estar dispostos a mudar a forma como exercemos nossa responsabilidade.

Pense em uma pessoa cuja vida é tocada pela sua. O que essa pessoa poderia razoavelmente esperar receber por meio da sua presença? O que ela poderia desejar que você parasse de fazer? Deixe que a experiência dela abale a imagem que você tem de si mesmo, se necessário. Para uma comunidade religiosa, a questão pode se estender à forma como um carisma é vivido e compartilhado. Para um indivíduo, ela pode revelar a distância entre ser necessário e oferecer o que outra pessoa realmente pode utilizar. Algo de quem estamos nos tornando pode ficar mais claro a partir daí.



A prática: aprender a receber

Escolha uma situação real em que estejam pedindo que você receba: ajuda com a liderança, um novo parceiro, cuidados com um dos pais ou com membros idosos, a transferência de um trabalho que você vem realizando há muito tempo, as vozes dos jovens ou de outra cultura. Comece em silêncio. Leia João 13,6–15 em voz alta, devagar. Em seguida, reflita sobre as seguintes perguntas.

Pessoal. Em que aspecto da minha vida tenho mais dificuldade em receber? O que essa resistência protege em mim?

Comunitário. Em nossa família, comunidade ou equipe de liderança, de quem ainda não conseguimos receber os dons? A que ainda nos agarramos como se fosse o próprio dom?

Mais amplo. Em que aspectos nossa casa, nossa comunidade ou nossa região dependem de passagens estreitas, e quais relacionamentos poderiam ampliá-las?



Fontes e leituras complementares

Uma observação sobre as fontes. Esta edição interpreta os sinais de julho a setembro de 2026. Pesquisas e eventos anteriores são identificados como contexto. Os links em "Sinais" levam aos relatórios individuais; as principais leituras estão listadas abaixo. As interpretações e perguntas para reflexão são de minha autoria.

Leituras principais. Vicky Larson, PBVM, "*Harmony for a New Era*", discurso presidencial da LCWR (agosto de 2026). Nathalie Becquart, xmcj, "*Synodality and Consecrated Religious Life: A Journey of Mutual Gift-Giving for the Church and the World*" (12 de agosto de 2026). Instituto Mundial de Ciência, Religião e Cultura, "*AI and the Pope: Who Has the Last Word?*" (30 de julho de 2026; transcrição utilizada). Papa Leão XIV, *Magnifica Humanitas* (2026).

Pesquisas e levantamentos. Brynjolfsson, Chandar e Chen, "*Canaries in the Coal Mine?*" (Stanford, 2025; revisado em agosto de 2026). OMS, *Social connection* (2025). McBain et al., *Use of Generative AI for Mental Health Advice Among US Adolescents and Young Adults* (JAMA Network Open, novembro de 2025). *Edelman Trust Barometer 2026*. *Reuters Institute Digital News Report 2026*. *Status of Global Christianity 2026*, Centro para o Estudo do Cristianismo Global.

Discernimento eclesial e comunitário. Grupo de Estudo 6 do Sínodo, Relatório Final (publicado em 8 de setembro de 2026), especialmente sua seção sobre "conclusão histórica".

Ted Dunn. *Graced Crossroads: Pathways to Deep Change and Transformation* (2020). *Embracing Our Vulnerability: A Gesture of Humility or a Call to Transformation?* (UISG, Aprofundando a Plenária, maio de 2023). Outras reflexões e recursos: gracedcrossroads.com.

Escritura. Mateus 16:3 e João 13:6-15, traduzidos da New International Version (NIV), em inglês. Essas passagens são apresentadas aqui para reflexão.